

O GATO NA ÁRVORE

O GATO NA ÁRVORE

Marco Antonio Martire



© Moinhos, 2018.

© Marco Martire, 2018.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2018.

Nesta edição, respeitou-se o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

M378o

Martire, Marco Antonio | O gato na árvore

ISBN 978-85-92579-80-7

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático

1. Crônicas 2. O gato na árvore 3. Marco Martire I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2018 | 128 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

O gato na árvore	7
A memória a quilo	9
Boa noite	11
Chope pra três	14
Esquerda e Direita	16
O canalha fundamental	19
Bem-estar geral	22
Vendem-se balas	24
O início, o fim, eu no meio	26
O homem-duplo	29
Whatsapp	32
Permissão de localização ativada	34
Saudade de uma pelada	36
Quinze minutos	39
Teatro de rua	41
Seleção natural	43
O fim daquela tarde	46
Olha a promoção!	48
O paradoxo do antropoceno e outros papos de bar	51
Palmas para a civilização	54
Dicas práticas para a criação de um Estado	57
De nascença	60
Selfies e acidentes acontecem	62
Bom sujeito	64
A mulher que chora	67
A gente vai	69
Eu sei quem é você amanhã	71
Sem ofensa	74
Sem calças	76
Eu nomeio, tu nomeias, ele nomeia	78
Ciclovía na calçada dos outros é refresco	80
Facebook distópico	83
A chance de ficar calado	85
Almoço grátis	87
Fecho os olhos, e agora?	89

Fones de ouvido e pokémons	92
O amor não está no ar	94
Para sempre	97
O amargo	100
Meus pés na pista	102
A primeira vez	105
Do amor ninguém escapa	107
Eu também sou folião	110
Endorfina, Dionísio, Apolo	112
No sol sou de assar as coxas	115
Minha breve história da pizza	117
Férias, este privilégio	119
Tantos assuntos	121
AGRADECIMENTOS	125

O GATO NA ÁRVORE

“Gato na chuva” é o nome de um conto matador de Hemingway.

Lembrei dele porque recentemente, enquanto gastava a promissora noite de sexta-feira degustando um chope, identifiquei o felino — ágil feito ele só — descendo pelo tronco de uma árvore sinuosa, enraizada na beira da praça. O gato era de bom tamanho, tinha uma pelagem curta e preta, o branco em poucas partes, de modo que fiquei surpreso por tê-lo descoberto na árvore, oculto no breu da folhagem.

Estava na certa caçando. Mas caçando o quê? Do que se alimenta um gato livre na vastidão de uma praça? Os pombos ninguém esquece de alimentar, mas os gatos vadios... esses para sobreviver precisam da musculatura em dia, sua liberdade de acasos impõe.

Nós em casa nunca tivemos gatos. Tivemos passarinhos, mas lugar de passarinho nunca será em uma gaiola. Gatos não tivemos. Houve tempo em que flertei com uma possível adoção, pensava em criar um gato, e decidi que seria preto. Os pobres gatos pretos levam a culpa dos males da humanidade. O povo por aí mata os bichinhos.

Teria por nome Spock, nome do sabe-tudo alienígena da franquía de cinema “Jornada nas estrelas”. Mas as coisas não aconteceram como eu previa e adotamos um cãozinho. Preto e branco, vira-lata, herdeiro talvez de um ou uma *bordercollie*. Chamamos o nosso novo amigo de Ryker, o imediato do capitão Picard em “Nova geração”.

Este ano acolhemos em casa uma nova vira-lata, a bela e carinhosa Ninna, nascida em 15 de novembro. A adoção de um gato parece ideia que não se realizará. É muita gente na nossa casinha e eu sou um sujeito danado de espaçoso.

Mas voltando ao célebre conto de Ernest Hemingway, o argumento é simples, como quase todas as histórias do mestre: sua protagonista, ao perceber um gato na chuva, põe na cabeça que quer e precisa de um gato para chamar de seu. O conto de poucas linhas está disponível na rede, fácil de achar.

O gato não via chuva, era uma noite seca, estava é na árvore mesmo. Da minha posição pude perceber os movimentos precisos e o silêncio de predador. Procurei por sua presa, mas meus olhos não bastaram. Contentei-me em acompanhar o avanço do gato descendo pelo tronco da árvore. Imaginei suas garras firmes no trabalho de mantê-lo sempre vivo. Sua inteligência de felino preparada para as contingências da vida.

Um homem corpulento então me abordou oferecendo um enorme e reluzente relógio. Agradei a oferta, mas não havia gostado da joia. Voltei a procurar pelo gato. Sumiu da árvore, sumiu da minha vista. Eu pensei cá comigo: agora só na internet ou na tevê.

A MEMÓRIA A QUILO

Quando eu era criança não havia restaurantes de comida a quilo. A novidade surgiu um pouco mais tarde. De repente, dezenas de restaurantes passaram a vender comida na balança. Eu, na época, apenas estudava, comia sempre em casa, portanto não tirava vantagem da incrível invenção. Assistia de longe: em um só prato brilhavam juntos o bife de panela e a bolinha de queijo (típica das festas de casamento e aniversário), também cabiam no prato o arroz com feijão e o churrasco, a linguiça frita ao lado da salada. Foi uma febre.

Outra coisa que não existia quando eu era criança são as grades protegendo as portarias dos edifícios. Nem tenho conta das vezes em que, voltando da escola, invadi em correria as portarias da rua, brincando de piques mil. As mães vinham em conversação no caminho, aproveitando o convívio, nós crianças corríamos para frente e para trás freneticamente, sempre sabendo que a brincadeira tinha prazo para acabar: quando as mães chegassem à nossa portaria teríamos que nos resignar e subir, chateados porque em seguida viriam obrigações como o dever de casa, o banho, a janta, deitar na cama quietos e dormir.

Outro lance que nessa era não existia é a fila única de banco, com senha ou sem senha. As filas de banco então imitavam as das caixas de supermercado. Sei porque ia ao banco sempre: meu pai foi comerciante, cartão de crédito se usava pouquíssimo, eu e meus irmãos é que fazíamos no banco o depósito dos cheques. Confesso que ir ao

banco nunca deixou de ser essa tarefa aborrecida, papai pedia, tínhamos que discriminar na guia de depósito os cheques um a um, somar com velha calculadora, conferir, sair de casa depois do almoço e enfrentar as filas. Nos horripilantes dias 10, depois dias 5, o banco enchia terrivelmente e sofríamos. Se déssemos a sorte de escolher uma fila boa, tudo se resolvia em 15 minutos, caso contrário a espera podia durar quase meia tarde. Enfrentar a fila longa, às vezes, podia ser jogo também, sabendo que o caixa trabalhava em ritmo acelerado. Lidávamos com uma espécie de ciência.

Cito estas memórias de forma sucinta, já que não é minha intenção sobrepesar ninguém de lembranças cas-cudas. Digo por curiosidade, talvez o leitor não seja tão nascido quanto eu, saber desses detalhes pode ajudar em algo, o que duvido. Estes detalhes mal servem até para memes, aposto que nem ao Google importam.

No calor deste verão, importa mesmo a qualidade do aparelho de ar-condicionado, outra novidade que apenas o colega rico da escola gozava. Assim como o videocassete, que no século XXI sumiu da memória. Sumiram também os açougues de rua, tão numerosos antes quanto as farmácias hoje. Multiplicaram-se os carros, caminhões e aviões e tal e tal, etcetera e tal.

BOA NOITE

Um senhor vinha à noite subindo a ladeira, mancando de uma perna, enquanto eu descia a rua com meu cachorro durante nosso passeio noturno. O homem subia com uma determinação tranquila, apesar de sua evidente limitação, como se seu esforço incomum não tivesse nada a ver com o movimento incompleto de sua perna. Era apenas uma questão de simples movimento, chegar quem sabe em casa, quem sabe onde.

Percebi na hora que a imagem mexeu com minha memória. Como um lago onde se toca o fundo, as águas da memória turvaram com a força desastrada do meu toque, fracasei em conscientemente recuperá-la. Fui descendo a ladeira, era pouco mais de nove da noite, noite jovem, portanto.

Escrevo sobre o encontro, mas quase me arrependo. Não sei do que se trata o assunto e não quero errar. Ignoro o que fazer com essa imagem, sei que era importante, mas me falta a conexão. Minha memória não é tão boa quanto o ego me faz crer. E reconstruí-la seria tão bom ou mau quanto olhar para o lado e desligar do senhor negro que subia a ladeira.

Parecia só. Mancar era o seu exercício e eu tinha o meu cão, que puxava a coleira querendo cumprir logo o passeio. Sentir solidão quando se observa alguém que está próximo é estranho, se há duas pessoas justas e estão sós, que compartilhem a calçada e a lua no céu! Acontece.

Penso também em nós como personagens, o protagonista na calçada sou eu e um homem sobe a ladeira mancando. Enquanto escrevo tomo a calçada dele, agora sou eu e esta crônica, sou uma espécie de ladrão. Mas é que, se escrevo, algo além de nós vive através da crônica e me redime. Não há como negar. Atravessa o tempo a energia do nosso encontro fortuito, para frente e para trás, como estava planejado, diriam alguns. Não há ausência, há papéis. O espaço e a memória preenchidos, esta retocada feito um quadro, quem lê decide sobre a história da ladeira: se eu que descia com meu cachorro ou se aquele senhor que subia mancando.

A memória narra veladamente esta experiência. Eu poderia ter parado o sujeito e feito uma *selfie* importante. Mas é claro que não tirei foto alguma. Continua aquele momento sendo da memória, que não me diz por que ele é importante, memória que um dia irá falhar outra vez, quando reconstruída pelas sensações do presente. Existirá a noite úmida e o silêncio da rua?

Somos ele e eu um e outro, passando um pelo outro na calçada, e não sei qual a marca com que gravo este instante. O rosto do homem eu já esqueci, seria uma imagem adequada da memória, seu rosto estacionado na lembrança como chave de um momento enigmático.

Quando nos cruzamos finalmente na ladeira, ouve a rua toda um boa-noite claro e amistoso da parte dele, um boa-noite que não existe mais, um boa-noite de um vizinho em terras antigas e precárias. Um boa-noite cordial entre homens, um cumprimento denso e vivo, que não tem mais lugar. Ficou sendo, portanto, a noite daquele boa-noite, um boa-noite que só faz sentido no espaço

compartilhado, um boa-noite gratuito durante uma noite banal. Sem rosto de parte a parte, uma saudação quase apenas sonora.

Eu nunca pensaria em não responder. Procurei imediatamente devolver o favor e emprestar ao meu boa-noite a impressão de lembrança. Talvez signifique algo para ele, ou mesmo nada. Mas se nada, de qualquer forma, esta é a história de um senhor que manca subindo a ladeira e que deseja boa-noite como um sábio protagonista. Afinal, subia. Enquanto eu descia. Creio que as direções importavam.

CHOPE PRA TRÊS

Eu tomava um chope depois do serviço e o sol do fim da tarde anunciava que logo ia embora, estava quase na hora daquele lusco-fusco que prepara a noite. É sem dúvida minha hora predileta, a luminosidade costuma ser incrível, o mundo ganha em controvérsia: é um mistério o que ocorreu durante o dia, é uma promessa o que virá durante a noite.

Nessa tarde entrou por acaso na choperia uma amiga. Não nos víamos há muitos meses e depois dos abraços e beijinhos sentou-se comigo para matarmos juntos a saudade. Formidável ter companhia nessa hora, podíamos até com intimidade contemplar em silêncio o momento único.

Mas ela não estava nessa *vibe* de contemplar. Fez valer o encontro, foi me colocando a par do que rolava na sua vida. Céus, que vida agitada! Em vão eu procurava penetrar naquele inspirado monólogo. Depois de uns quinze minutos, creio que ela sentiu minha necessidade e fez uma pausa para respirar. Calou-se por segundos, como se dissesse: era a minha vez.

A tarde findava, eu não estava mais só. E a vida?

Respirei fundo e ia dizer tudo.

Mas não tive chance. Duas amigas dela passaram pela rua diante de nossa mesa e as três também não se viam há muito tempo. Muito menos tempo do que eu, pelo que entendi, apenas duas ou três semanas. O que são semanas perto de dois ou três meses? Só digo isto: perdi a prioridade.

É claro que fui apresentado. Mas rapidamente as três enveredaram por uma conversa curiosa em que todos os assuntos exigiam comentário. Não conheciam Facebook. Mal consigo citar um dos assuntos, fiquei perdido com a velocidade. Lembro que falaram dos respectivos cães de estimação, eu também tenho um e fiquei na esperança de conseguir também contribuir.

Ainda que estivéssemos na sombra de uma árvore frondosa, uma do século do Brasil colônia, diante de um pôr do sol límpido e matador, ainda assim eu seria perto delas o cara calado. Resignei-me. Pelo menos não conferiam os celulares e estavam lindas animadas com a própria conversa.

Uma delas propôs tomarmos um café, mas percebendo minha óbvia preferência pelo chope concluíram que café seria inadequado. Eu agradeci a gentileza e esta foi a única palavra que proferi durante o feliz encontro das três amigas: um obrigado com a sinceridade que eu podia. Sincero de verdade.

Depois de duas rodadas de chope, o papo terminou com a mesma velocidade com que iniciou. Naquele momento, as três amigas precisavam partir, louvaram aqueles dois chopinhos clássicos e a bendita conversa que alegrou a noite. Despediram-se de mim como se fôssemos mais amigos desde então. Beijinhos e abraços.

Foram embora. E o meu lusco-fusco passara, as luzes da cidade acenderam sobre a rua e sobre a minha mesa. Não havia mais nada a fazer do que ir para casa, a noite prometia solução para alguns, o meu dia seguinte era de pegar contente no batente.

Nem precisa perguntar, não há imagens do evento.